

No caminho do Ipiranga, ou a crônica de um museu anunciado

Era setembro de 2003, num daqueles dias de bruma fina e fria da cidade de Santo André, no caminho da serra do mar. Embarco no trem da CPTM no sentido do Brás. Depois das 10h da manhã o fluxo é diminuto. Alguns tipos e mitos abordam os poucos passageiros com cortadores de legumes, tesouras especiais para cabelos, chocolates e toda sorte de “especiarias” do cotidiano de subúrbio. Com um frio na barriga e uma ansiedade indisfarçável, vejo galpões, edifícios e fábricas passando rapidamente pelas janelas do meu vagão. Tento abrir um livro que fala sobre museus, mas desisto ao vislumbrar, na estação Mooca, a grande fábrica da Antártica que, desativada, dava um tom monumental e melancólico à plataforma da estação, de concreto, cinza, desgastada pelos passos rápidos de muitas décadas.

O Ipiranga não tarda. Salto do trem e sigo pela escada que dá acesso ao outro lado da plataforma. Saio no sentido da Av. do Estado. A paisagem urbana é pouco amistosa. Muitos viadutos se cruzam sobre um córrego quase inexistente, a rua molhada é a Av. Presidente Wilson, seus paralelepípedos me transportam para outra cidade. A simultaneidade de edifícios me acompanha até a esquina da Av. do Estado. No farol, à espera de carros desesperados, é possível estranhar as colunas do “fura-fila”, aquele que nunca saiu do papel. Farol verde, atravesso - sem conseguir divisar - um rio maior que insiste em estar ali. Preciso ir pela rua dos Patriotas. Parece que se eu subir por ela algumas quadras alcançarei o famigerado museu.

Na subida a paisagem muda, o pequeno casario da baixada do rio vai ficando para trás. Alguns poucos e altos edifícios vão tomando o espaço de casas maiores, palacetes, mansões vazias. Subo até a rua Bom Pastor e viro à esquerda. Na rua Xavier Curado viro

à direita. O meu passo é apressado pelo horário marcado. Preciso estar às 11h no museu. Fico ensaiando frases. Não é Museu do Ipiranga é Museu Paulista e é da USP. Não foi museu desde o início, era para ser monumento à Independência. Foi museu de história natural, tinha até um diretor alemão. Também teve um diretor ilustre, era pai do Chico Buarque. De repente vislumbro uma grade verde, um carrinho de pipoca, uma estreita passagem anunciando o Parque da Independência. As copas de imensas árvores deixam entrever tímidos raios de sol. O parque é gentil. A garoa fina continua. Não passo pela entrada monumental com jardins. Mas posso me embasbacar com um imenso edifício amarelado, desses que quem foi criado no interior só podia ver pela tevê.

Tenho que entrar. Empurro a grande porta de madeira na lateral. Seu rangido é o sinal para o segurança me observar. Anunciam-me na recepção. À espera, espreito o saguão de entrada, tem estátuas dos bandeirantes paulistas, tem águas dos rios de um vasto território, tem retratos de sujeitos que fizeram a Independência do Brasil. Nunca havia estado ali. Era um assombro, descomunal. Não tarda e uma moça me acompanha até uma sala arejada, mas um tanto estreita para tanta mesa e estante. Sou recebido pela professora. Com uma série de livros sobre a história do museu, ela me exorta a fazer ali minhas leituras iniciais. Museu de história e memória, museu da desconstrução do mito bandeirante, museu de acervo diverso, de coleções, de pesquisa. Museu de tantas objetos e exposições que nem sei por onde começar.

O caminho do Ipiranga se torna uma rotina. Percorro as salas de exposição, a biblioteca, o salão nobre com o quadro “Independência ou Morte”. Como numa trama detetivesca do século XIX, caminho pelas fundações do edifício de taipa e de alvenaria de tijolo. Entre conversas e atividades nos laboratórios de conservação e restauro, fico sabendo daquilo que se tornou a paisagem que mudou minha percepção de cidade. Poucos

visitantes tem o privilégio de conhecer as torres do edifício projetado pelo italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi e levado a cabo pelo empreiteiro Luigi Pucci nos idos da década de 1880. Pego um elevador desajeitado, entro na torre, salto uma janela. Num instante, vislumbro da torre do alto da colina toda a paisagem frontal ao museu. Dos jardins aos baixios do Tamanduateí, passando pelos casarões da Av. D. Pedro I. Pela primeira vez a cidade de São Paulo abria sua janela d'alma para mim. Absorto, a máquina da metrópole me arrebatou. Lá de cima, as paisagens da periferia de Santo André tinham outro significado, as memórias dos transeuntes e pedintes dos trens ficaram um tanto enternecidas, as mazelas urbanas e arredias do caminho não eram nada além de um longo desabafo. Algum tempo passei ali, pesquisei, me encantei. Aquela modernidade melancólica foi o estopim do início de uma vida. Nossas memórias são uma escolha, são eleitas por certas conveniências. Para mim o museu e a cidade se tornaram espaços de resistência. Desde então nunca mais desci da torre, nunca mais desci do museu, nunca mais desci da cidade. Sigo ainda (re) encantado pelas paisagens, memórias e miragens do caminho do Ipiranga.